

O Moledo foi palco de um notável projeto, resultante da parceria entre a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e a autarquia local, que ao longo de quatro anos trouxe até à aldeia de Moledo vários discentes do Mestrado de Escultura Pública para desenvolverem peças alusivas à temática Inesiana.

Este projeto contou com a participação de dez alunos que trabalharam a temática relativa a Dom Pedro e Dona Inês de Castro, nomeadamente a passagem destas duas figuras históricas por terras de Lourinhã, mais concretamente, pela aldeia de Moledo.

Desta ação resultou a construção de uma Rota de Escultura Pública que teve como principais objetivos a consolidação efetiva desta localidade como aldeia histórica, aliando-a à temática Inesiana, bem como a requalificação urbana de alguns dos seus espaços. Esta ação contou ainda com a colaboração dos três professores escultores responsáveis pela disciplina de “Projeto e Laboratório de Escultura Pública”: António Matos, João Duarte e João Castro Silva.

A par do protocolo supracitado com as Belas-Artes surgiram ao longo dos últimos anos outras intervenções em espaço público, fruto de parcerias com outras entidades e artistas das mais diversas áreas. Foi ainda frequente acontecerem momentos culturais que procuraram dinamizar o interior do concelho e promover a fruição de todo o género de artes no espaço rural que habitualmente só encontramos nos grande centros urbanos. São exemplo disso: concertos de música clássica e jazz, residências de Land Art (em parceria com a FBAUL) e formações de professores em parceria com a APECV. Em paralelo é criado um Colectivo denominado “Revolta das Agulhas” que contribui para que o espaço público do Moledo seja dinâmico. Procurando mostrar que o processo de transformação que a aldeia de Moledo tem sentido, pode (e deve) ser feito também pelos habitantes. Este é um grupo que se pretende inclusivo, sem um “corpo” fixo, onde os elementos que o integram se alteram em função das intervenções propostas, sendo que é sempre constituído por pessoas da aldeia.



O Logo da MAP de Moledo (Mostra de Arte Pública em Contexto Rural de Moledo) é desenvolvido a partir do tradicional jogo do galo aliando o lúdico e/ou ócio a dois elementos – coração e coroa – que estão intimamente ligados à história da aldeia, substituindo a tradicional cruz e circunferência.



Os conceitos de “ócio e lúdico” referidos anteriormente têm aqui um significado importante, pretende-se convidar os visitantes da aldeia a percorre-la e descubri-la à semelhança de um jogo, em que se procura um tesouro perdido. O visitante que não tenha acesso ao mapa, poderá aventurar-se e seguir as marcas que encontrará no chão.

Essas marcas são fruto de um trabalho conjunto com a comunidade escolar da Freguesia. Em simultâneo, é um exemplo de intervenção de arte pública que nos acompanha ao longo de todo o percurso. Assim, esta marca tem não só pretensão de ser uma intervenção, como também de assumir uma função prática de sinalética.



Unidade de armazenamento e de compartilhamento de arquivos em espaço público. Qualquer um pode aceder ao "Dead Drops" e fazer o *download* de vários ficheiros relacionados com "Molletum" e a sua história. Pode ainda fazer crescer o arquivo e deixar ficheiros/informações que pretenda e partilhar com os habitantes e outros visitantes que acedam à mesma unidade.

**1** “Inês”, ColorBlind - É o primeiro graffiti a dar resposta a uma encomenda oficial no concelho da Lourinhã. O Coletivo é composto por Tamára Alves e José Carvalho. Trata-se de um painel interpretativo da história de D. Inês, onde surge representada uma Inês cega, sem a íris/pupila do olho, enquadrada por umas arcadas, que sugerem o antigo paço real de Moledo. A representação dos vários animais remete-nos, não só, para as caçadas de D. Pedro por estas terras, mas também para uma característica estilística deste coletivo.

**2** “Juízo Final”, Francisco Cid - Trata-se de uma representação figurativa de D. Pedro e D. Inês de Castro. São figuras humanas modeladas em técnica mista. Ambas suportadas por dois blocos paralelepípedicos, toscos, de pedra da região, seguindo a tradição escultórica tumular. As figuras tal como em Alcobaça enfrentam-se. Este trabalho remete para o momento de encontro dos dois personagens após a sua morte, seja metaforicamente no dia do juízo final ou mais precisamente no Mosteiro de Alcobaça, onde se encontram os túmulos dos mesmos.

**3** "Inês", de Joana Alves - É uma peça que segue a tradição escultórica naturalista. A representação de uma figura feminina nua, modelada em pedra extraída numa das pedreiras da Freguesia. Numa escala superior à humana, tem a zona das ancas e do ventre exageradamente salientes, remetendo para o facto de ela ter tido três filhos no tempo que viveu em Moledo (segundo Pinho Leal). O "nu" e a simplicidade do nome da peça procura evidenciar antes de mais a mulher comum. A coroa, que se encontra afastada em cima de um plinto é uma réplica da que se encontra no túmulo em Alcobaça. A Inês olha com ar circunspecto para a coroa que nunca usou, remetendo para a coroação póstuma.

**4** "Extração", de João Leirão - Feito originalmente para a sexta edição do *Rabiscuit* de Alcobaça, intitulado na altura de "Caixa d'Ar", aparece aqui reinstalada de forma permanente, noutro contexto, numa posição e com significado diferente. Este trabalho remete para uma temática polémica, que se prende com a indústria transformadora e extrativa de pedra no Planalto das Cezaredas. O bloco de pedra em forma de cunha foi extraído e oferecido por uma dessas pedreiras e juntamente com a estrutura em betão que lhe serve de base constitui a peça. A escultura é no fundo uma narrativa do trabalho de extração e da transformação da Pedra, matéria-prima nobre da escultura.

**5** “Moinho do Pantónio” – Pintura totalmente oferecida pelo artista à comunidade de Moledo. Pantónio é um artista mundialmente reconhecido. Como é hábito no seu trabalho, pinta figuras antropomórficas monocromáticas; manchas negras com nuances de cor que sugerem animais. Atendendo à sua origem açoriana, o artista pinta maioritariamente metamorfoses de animais terrestres com marinhos. Neste caso retrata "andorinhas do mar”, relacionando desta forma a temática da pintura com o elemento da natureza, o "Vento", que confere vida ao moinho que lhe serve de suporte.

**6** "Love Captives", Sana Nasl - as duas figuras estão unidas entre si, abraçadas uma à outra, beijando-se. O ligeiro movimento de aproximação de um ao outro é sugerido pelas pernas, apesar de estes já se beijarem. Esse movimento intensifica a sensação de desejo que as duas figuras históricas sentem um pelo outro e sugere a vontade dos dois corpos se fundirem eternizando dessa forma o amor entre ambos.

A escultura, apesar de representar duas figuras, é um só volume, um monólito, dando seguimento à representação de Balzac, de Rodin. Esta representação é mais estilizada e nivelada e as formas dos corpos diluem-se uma na outra à semelhança das mulheres esculpidas em pedra por Henry Moore. Aqui o tema é Pedro e Inês, mas segue um tema maior, o “beijo”, que é recorrente em fotografia, pintura e escultura, tendo o seu apogeu na representação de Rodin. Ainda assim é a representação de Brancusi, posterior à de Rodin, que lhe serve de inspiração.

A peça é construída em "esferovite" (que desempenha uma função estrutural e que modela a forma), revestido por corda sisal, distanciando-se assim dos materiais nobres da escultura. Por outro lado, e não esquecendo o nome “Cativos do Amor”, a corda sugere a “prisão” ou “ligação” que o amor pressupõe, o amor que uniu de forma eterna Pedro e Inês.

**7** “Dilúvio”, de João Leirão - Dilúvio, trata-se de um sinal de germinação e de regeneração. Não destrói senão as formas que estão usadas e gastas, a ele segue-se sempre uma nova humanidade e uma nova história. É a ideia de reabsorção da humanidade na água e a instituição de uma nova era com uma nova humanidade. O dilúvio purifica e regenera tanto como o batismo, é um imenso batismo coletivo. Trata-se de um “monumento” à água (como bem natural e precioso para a vida). Parece ser uma Pia de Água Benta, mas descontextualizada do seu lugar sagrado perde a sua função. É deste ponto de vista um *ready-made*. Estando no espaço exterior poderá ainda fazer lembrar um simples bebedouro ou fonte pública, mas que ironicamente está seca.

**8** “P.I.”, de Sónia Moreira - Feita em ferro e pintada de encarnado, é composta por dois varões retos que se cruzam num ponto criando um X. Ao longo desses dois elementos estão dispostas pequenas varas de metal que de forma aleatória e acidental intersectam os varões. Trata-se de uma peça esguia e que tende para o céu, para o infinito. As duas pernas do X remetem para os dois amantes e os pequenos elementos podem ser uma alusão aos espinhos que simbolizam as dificuldades que este amor teve de ultrapassar. O nome, “P.I.”, leva-nos até ao número irracional  $\pi$  (3,14159 ...), infinito à semelhança do amor das duas personagens históricas.

**9** “Presença Ausente”, de Denise Romano - Escultura que nos remete para a forma de um trono, onde a pedra da região se conjuga com o inox numa forma que aborda conceptualmente a suposta coroação póstuma de Inês de Castro. Assemelhando-se a um antigo jogo, este “trono” é composto por um conjunto de "pregos" dispostos de forma ortogonal em relação ao plano que lhe serve de base. Não estando fixos, ao encostarmos qualquer coisa a esse plano, os filamentos metálicos reproduzem em relevo o objeto que nele se encosta. Nesta caso os varões em aço inox revelam a silhueta em negativo de Inês de Castro sentada num trono (símbolo associado à família real) onde nunca teve a oportunidade de se sentar.

**10** “A morte de Inês”, de Joana Alves - Remete para uma lenda contada na aldeia relacionada com uma pia antiga que se encontra nas proximidades da escultura e que terá sido encontrada e retirada do paço real. As pessoas mais idosas contam que essa pia seria a banheira de Dona Inês. Assim, a autora procurou “oferecer” uma banheira vitoriana, digna de uma rainha. Esta banheira tem consigo uma ironia trágica, uma vez que os pés que a suportam são réplicas dos pés do túmulo existente no Mosteiro de Alcobaça. Segundo os historiadores, as figuras que suportam o respetivo túmulo representam os assassinos que a executaram a mando de Afonso IV. Toda esta peça é feita com pedra da região, à escala humana.

**11** “Paço”, de Constança Clara - Instalação de um pequeno “palco” de pedras oferecidas pelos habitantes da aldeia. A construção desta peça exigiu uma estreita colaboração da população com a artista, fato que a torna bastante peculiar. A ideia surge da possibilidade de algumas das casas de Moledo terem sido construídas recorrendo a algumas cantarias retiradas do lendário paço real onde supostamente viveu escondida D. Inês de Castro (segundo os historiadores Pinho Leal e Montalvão Machado). Desse paço resta apenas o terreno, que hoje serve para cultivo, rodeado de um muro de pedra que se suspeita ser dessa época. A instalação de Constança Clara encontra-se exatamente em frente a esse terreno. A artista pretendia que os habitantes de Moledo, simbolicamente, devolvessem as pedras ao paço.

Por outro lado, a peça remete para uma prática muito comum na aldeia que se prende com o fato dos habitantes terem um apreço especial pelas pedras encontradas nos seus terrenos e quintais. É frequente a sua ação sobre as mesmas, destacando-as na paisagem que as rodeia, seja pela sua dimensão e/ou pela sua forma, formando pequenos "templos" à semelhança do Cromeleque dos Almendres (Évora) ou Stonehenge (Reino Unido).

**12** “A Árvore”, de Francisco Gonçalves - Situada em frente ao alpendre da igreja, trata-se de um trabalho totalmente feito em madeira. Ocupa o local deixado vazio por uma grande, velha e emblemática tilia. Dessa árvore o escultor apenas conheceu o tronco central já sem vida. Procurou desenvolver o seu trabalho partindo dela, ou do que restava da mesma, pois percebeu o valor inestimável que esta tinha para os Moledenses. Trata-se de uma escultura com uma forma ascendente. Tem um corpo central - um tronco - que suporta cinco elementos dispostos no seu comprimento envolvendo-o (formando uma espiral em torno de um eixo). Tanto o movimento elíptico como o tronco/coluna está relacionado com o conceito de “lenda” que está na base da história do Moledo e que sustenta o que conhecemos do romance existente entre Pedro e Inês. A imagem arquetípica de "árvore" ou de "coluna" simboliza uma ligação entre a "terra" e o "céu". São pontos de acesso ao etéreo/sublime ou celestial, a um patamar superior onde "vivem as lendas". A “lenda” está na nossa memória, já vem dos nossos antepassados e será posteriormente transmitido às gerações futuras. Este trabalho é uma espécie de “elevador”, onde acedemos à memória e à lenda, neste caso de Pedro e Inês.

**13** “A Saudade”, de Roberto Miquelino - Trata-se de uma peça de ferro pintado de encarnado. São dois volumes orgânicos construídos em tiras de chapa metálica, que criam uma espécie de bolsa ou casulo. Assemelha-se na linguagem e no modo de construção ao trabalho desenvolvido por Rui Chafes. Estes dois volumes dispostos de forma inclinada, sob dois pedestais assimétricos, intersetam-se num ponto. Representam os ventrículos dos corações dos dois amantes. Reporta-se portanto ao tema do amor por intermédio do coração.

**14** “D. Pedro e D. Inês”, de Pedro Ramos - Trata-se de uma peça racionalista, geométrica. Feita em aço corten, representa D. Inês de Castro e D. Pedro. De uma forma mais objetiva, não é mais que um simples exercício de composição que se baseia no fato de fazer um objeto modular rodar sobre si, sobre o seu eixo. Neste caso, o objeto modular são duas pirâmides triangulares que têm um vértice em comum. Neste caso temos representado três momentos (ou três posições diferentes) desse movimento de rotação. As personagens históricas são aqui representadas pelas pirâmides, sendo a união das mesmas representativas do amor.

**15** “Relógio de Sol” – Escultura constituída por dois elementos em pedra e um plinto. A base tem uma forma ovoide e simboliza um tabuleiro de xadrez e ao mesmo tempo é um mostrador de relógio. Esta peça, como o nome indica trata-se de um relógio de sol, onde o visitante pode ver as horas recorrendo às linhas traçadas na calçada, que marcam todas as meias horas. O conceito de relógio de sol está diretamente ligado à história de Dom Pedro e Dona Inês, visto que o seu funcionamento é eterno, à medida e semelhança do Amor cantado por Camões. Para nos confirmar a ligação da escultura a esta história, no topo do mostrador encontramos o pino que é projetado pela luz solar fornecendo a marcação das horas. O pino é constituído por duas peças de xadrez, um Rei e uma Rainha. Quanto à peça caída, não deixa dúvidas, trata-se da Rainha morta, já a que se encontra em pé a dúvida subsiste podendo representar D. Pedro I o amante, ou se por outro lado o “carrasco” da historia, Afonso IV, pai de D. Pedro I.

**16** Paragem do Autocarro – Ponto de intervenção de carácter temporário, onde aleatoriamente e conforme a necessidade, será convidado alguém com o propósito de transformar este espaço.